

Acordo entre países do Pacífico busca frear expansão chinesa



*Estados Unidos são os maiores incentivadores do Acordo Comercial Trans-Pacífico, que deve reforçar negócios entre asiáticos e norte-americanos
Foto: Shutterstock*

Vem tomando forma mais uma das alternativas dos Estados Unidos para driblar a crise e reforçar sua influência no comércio mundial. Entre os mais importantes tratados de livre comércio já firmados, o Acordo Comercial Trans-Pacífico (Trans-Pacific Partnership, em inglês, cuja sigla é TPP) busca firmar parcerias entre a América do Norte e os países asiáticos. Além dos EUA, estão envolvidos nas negociações Chile, Cingapura, Austrália, Peru, Nova Zelândia, Malásia, Brunei e Vietnã. México e Canadá, assim como Japão, também demonstraram interesse em aderir ao documento.

Durante a cúpula do Fórum de Cooperação Econômica Ásia-Pacífico, em novembro passado, o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, deu início a negociações para criar a maior área de livre comércio do mundo. As tratativas, no entanto, vêm deixando a China de fora. A época, o governo chinês chegou a definir como "muito ambiciosos" os objetivos do TPP, mas não descartou assinar o documento futuramente. Ainda que não tenha rejeitado explicitamente a participação dos chineses, os Estados Unidos frisaram a necessidade de trabalhar com transparência e liberdade - áreas nas quais o país é contestado.

Para o professor do curso de Relações Internacionais da ESPM-SP Marcelo Zorovich, além de expandir relações comerciais e aproveitar o bom momento pelo qual passam os mercados asiáticos, o objetivo do TPP é barrar o avanço dos chineses. "Observando o cenário de crise que se instala e uma impressão de co-dependência mundial da China, os americanos têm buscado parceiros para fomentar o comércio. Eles querem reforçar seu poder como a maior economia mundial", diz. Entre os alvos, estão aliados históricos dos Estados Unidos, como a Austrália. "Além de facilitar negócios entre países, é evidente que por trás existe uma preocupação com o crescimento da influência chinesa nos mercados norte-americano e mundial", acrescenta.

Eleições podem alterar rumo da negociação

Além dos que já demonstraram interesse em se unir ao acordo, Zorovich aponta a Indonésia como outro potencial participante. "Seus quase 250 milhões de habitantes significam um bom mercado. É bem provável que o país se junte aos outros", diz. Entre os próximos passos, estão o desenho de setores que devem ser beneficiados pelas tratativas.

O mercado agrícola e de commodities em geral deve receber atenção especial, principalmente pela grande demanda asiática. "Ainda não há muitas novidades, é um acordo que está em fase inicial, mas já é tão importante como outros grandes pactos de livre comércio. O que vai acontecer daqui para a frente depende muito da vontade política dos envolvidos", afirma Zorovich. Entre as questões que podem influenciar o acordo, estão as eleições presidenciais dos Estados Unidos, em novembro.

Fonte: Terra. [Portal]. Disponível em: <<http://invertia.terra.com.br/operacoes-cambiais/noticias/0,,O16179910-EI20362,00-Acordo+entre+países+do+Pacífico+busca+frear+expansão+chinesa.html>>. Acesso em: 3 out. 2012.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais